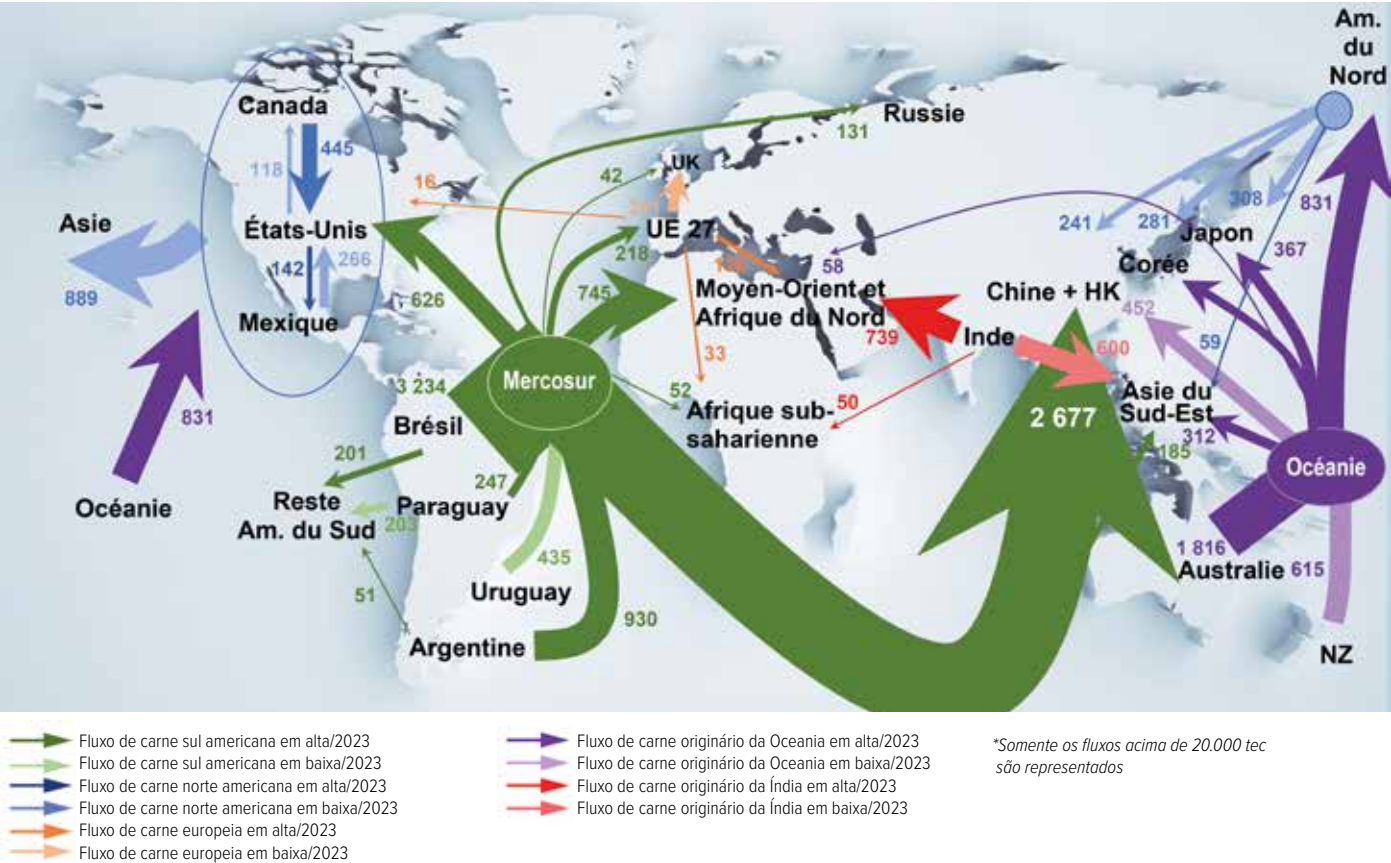




MERCADO MUNDIAL BOVINOS DE CARNE EM 2024, PERSPETIVAS PARA 2025

O ano de 2024 foi marcado por um forte crescimento das exportações mundiais de carne bovina, impulsionado sobretudo pelo Brasil e pela Austrália, que atravessaram simultaneamente um pico nos seus ciclos de produção. O Brasil, em particular, reforçou a sua posição de liderança, com um aumento significativo da produção que permitiu exportações massivas tanto de carne como de bovinos vivos. Segundo os dados globais, os dez maiores exportadores mundiais de carne bovina atingiram um total inédito de 11,6 milhões de toneladas equivalente carcaça (tec) — um aumento superior a 1 milhão de toneladas face a 2023, ou seja, um crescimento de 11%. O Brasil foi responsável por quase dois terços deste incremento, com mais 710 mil tec, seguido da Austrália, com 330 mil tec adicionais (29% do crescimento). A Argentina também registou um aumento expressivo nas exportações (+90 mil tec), embora à custa do consumo interno, afetado pelas reformas económicas do novo governo de Javier Milei e pela liberalização do comércio. O Paraguai, país altamente dependente das exportações (75% da produção), também produziu e exportou mais (+30

mil tec). A União Europeia aumentou as suas expedições para países terceiros (+50 mil tec), com destaque para a Argélia e a Turquia. No entanto, nem todos os grandes mercados importadores conseguiram absorver este acréscimo de oferta. A China e a Coreia do Sul reduziram as suas compras totais (-50 mil e -20 mil tec, respetivamente), num contexto de produção interna em alta e procura interna mais fraca. O Vietname e a Indonésia também cortaram nas importações de carne (-20 mil tec cada), dando preferência à importação de animais vivos. Por outro lado, vários mercados deram sinais de vitalidade: os Estados Unidos aumentaram significativamente as importações (+340 mil tec), seguidos pela Turquia (+90 mil), Argélia e Emirados Árabes Unidos (+80 mil cada), Filipinas e Japão (+70 mil cada).

Comércio de bovinos vivos em forte crescimento

O comércio de bovinos vivos continuou a crescer, na linha da tendência iniciada em 2023. O Brasil exportou mais 420 mil cabeças, enquanto a Austrália exportou 90 mil. Os principais destinos foram países da Ásia e do Médio Oriente, com destaque para o Iraque (+410 mil cabeças), Indonésia (+140 mil), Egito, Marrocos e Vietname.

Fonte Institut de l'Élevage, IDELE (França)

IMPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA

Milhares de tec	2011	2021	2022	2023	2024	2024 /2023
China + Hong Kong	280	3 120	3 560	3 580	3 530	-2%
Estados Unidos	850	1 490	1 440	1 660	2 000	+21%
Japão	720	790	750	620	690	+11%
Coreia do Sul	410	600	610	570	550	-2%
Chile	170	410	330	340	380	+0%
UE	390	300	350	340	370	+8%
Emiratos árabes unis	100	190	220	290	370	+27%
Royaume-Uni	400	350	380	380	370	-2%
Egypte	260	440	350	300	350	+14%
Vietnam	420	230	240	310	290	-6%
Indonésie	90	250	290	290	270	-6%
Malaisie	160	210	260	260	260	=
Philippines	130	210	240	190	260	+40%
Canada	280	190	190	210	250	+18%
Mexique	240	180	170	200	240	+18%
Arabie saoudite	130	160	170	210	230	+10%
Israël	90	150	150	120	170	+38%
Russie	700	280	190	150	160	+11%
Turquie	110	20	10	60	150	+138%
Algérie	60	10	0	10	90	+652%

*Coeficiente carcaça utilizado para as carnes desossadas e as preparações de carne = 1,3
Fonte: GEB-Idele e outras fontes (TDM, Eurostat, Universidade de Bahr)

Preços em queda... ou em alta?

A abundância de oferta, aliada à desvalorização cambial, provocou uma descida acentuada dos preços na América do Sul, arrastando consigo o mercado chinês, já pressionado pelo aumento da produção interna. Na Austrália, o regresso em força da produção também fez cair os preços. Em contraciclo, a América do Norte e a Europa registaram uma valorização da carne bovina, sustentada pela escassez de oferta e por uma retoma gradual da procura.

O que esperar de 2025?

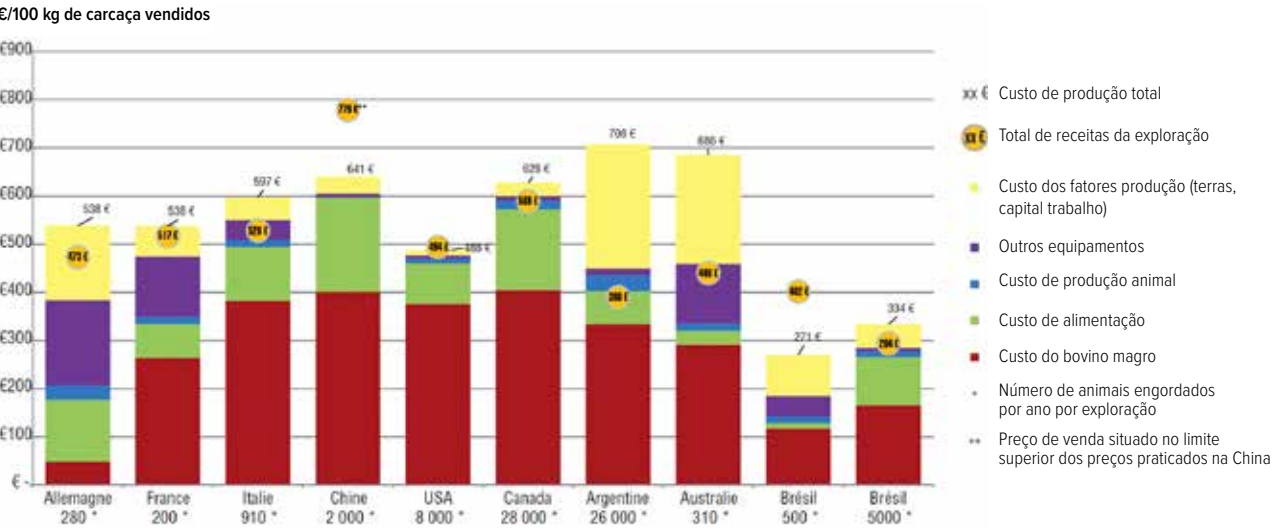
O cenário de 2025 será, muito provavelmente, diferente. Após vários anos de crescimento, a produção mundial deverá abrandar. Prevê-se uma recuperação dos preços nos mercados onde se registaram quebras acentuadas. No entanto, a guerra comercial desencadeada pelos Estados Unidos já está a causar perturbações nos fluxos internacionais e a aumentar a incerteza económica a nível global.

EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA

Milhares de tec	2011	2021	2022	2023	2024	2024 /2023
Brasil	860	2 170	2 730	2 730	3 440	+26%
Austrálie	1 290	1 230	1 180	1 490	1 820	+22%
Índie	1 200	1 340	1 380	1 480	1 460	-2%
Estados-Unis	1 170	1 430	1 480	1 270	1 260	-1%
Argentina	220	750	830	890	980	+10%
UE	720	630	580	580	630	+16%
Nouvelle-Zélande	460	650	610	650	610	-6%
Canada	390	570	560	550	540	-2%
Uruguay	290	530	490	460	450	-2%
Paraguay	180	410	440	420	450	+7%
México	130	350	390	330	290	-11%

CUSTOS DE PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNE BOVINA EM 2023

COMPARAÇÃO MUNDIAL DOS CUSTOS DE PRUDUÇÃO EM DIFERENTES CASOS-TIPO DE UNIDADES DE ENGORDA Fonte Institut de l'Élevage, IDELE (França)



Em 2023, o regresso do crescimento produtivo provocou uma queda do preço dos novilhos, bem como do preço de compra dos animais magros, na Austrália e na América do Sul. Os sistemas europeus revelaram-se relativamente resilientes face aos feedlots, embora o conjunto dos encargos de produção continue a não ser coberto pelos proveitos. Nos Estados Unidos, a valorização do preço dos novilhos em 2023 (+4% em relação a 2022) permitiu aos feedlots absorverem o aumento do custo dos animais magros (+17% face a 2022), cobrirem todos os encargos e regressarem à rentabilidade — algo que não acontecia desde 2011. Assim, estes sistemas alcançaram uma margem ténue de 0,06 €/kg de carcaça.

O segundo sistema rentável foi o sistema extensivo brasileiro, que, apesar da queda de 1 euro por quilo de carcaça no preço de venda do bovino, manteve uma margem superior a 1,30 €/kg de carcaça. Esta margem foi ligeiramente superior à de 2022, graças à descida do preço dos animais jovens (-23% face a 2022). Embora o feedlot australiano tenha iniciado uma trajectória de descida nos custos de produção, aproximando-se do sistema argentino, a verdade é que, em ambos os casos, os custos totais da produção (compra de bezerros, alimentação, despesas de manejo e equipamentos) não são cobertos pelo preço de venda. A situação é alarmante, pois seriam necessários mais de 3,18 €/kg de carcaça na Austrália e 2,46 €/kg na Argentina para que os custos fossem integralmente cobertos.

O sistema feedlot canadiano perdeu competitividade. Tal como noutros países, foi severamente afetado pela escassez de animais jovens. A descapitalização do efetivo, que entrou no quinto ano consecutivo, provocou uma forte pressão sobre o preço dos bezerros em 2023 (+29%). Pela primeira vez, o custo de produção no Canadá ultrapassou o dos sistemas europeus, atingindo 6,58 €/kg de carcaça. Para atingir o ponto de equilíbrio, faltam-lhe 0,39 €/kg de carcaça. Nos sistemas franceses, o equilíbrio entre custos e proveitos nunca esteve tão próximo: faltam apenas 0,21 €/kg de carcaça para atingir a rentabilidade. O défice é maior noutros sistemas europeus, como os italianos e alemães, com 0,65 €/kg de carcaça em falta. De notar que os preços de venda dos machos terminados registaram uma ligeira quebra na

Alemanha e Itália (-7% e -6% em relação a 2022, respetivamente), enquanto os preços franceses continuaram a subir (+9% face a 2022). O ano de 2023, mais calmo do ponto de vista climático, traduziu-se numa redução dos custos alimentares. A especificidade dos feedlots chineses mantém-se: a carne bovina continua a ser a carne mais cara no mercado chinês. Contudo, perante um aumento da produção e uma procura menos dinâmica, os preços de venda caíram 1,48 €/kg de carcaça. Ainda assim, todos os custos de produção foram cobertos, permitindo uma margem superior a 1,38 €/kg de carcaça! No entanto, este modelo de produção em larga escala não representa a realidade da maioria dos produtores chineses, ainda de dimensão média, que sofreram com a quebra das cotações em 2023, enfrentando sérias dificuldades de rentabilidade. ¶